

### Resumo

O intuito deste artigo é pensar as relações entre homens e animais por meio da arte, sobretudo, da arte digital, termo que abriga diversas linguagens. Esta discussão parte da filosofia, neurobiologia e história da arte para demonstrar como ao passar do tempo os animais têm sido humanizados e o homem animalizado. A arte tem evidenciado outras formas de vida, ao estabelecer uma aproximação crítica entre homens, natureza e animais, por meio da tecnologia. A arte digital detona as questões do seu tempo e busca novas relações sensíveis e críticas para ativar no público experiências conscientes sobre a vida.

Palavras-chave: arte digital - humanização - animalização

### Abstract/Resumé/Resumen

*The purpose of this article is to think of relations between humans and animals through art, especially of digital art, a term that involves many languages. This discussion begins on the philosophy, neurobiology and art history to demonstrate that with the passage of time, the animals have been humanized and the man animalized. The art has shown other forms of life, to establish a critical approach between men, nature and animals, through technology. The digital art detonates the issues of their time seeking new and sensitive relationships and critical to enable in the public conscious experiences about life.*

*Keywords: digital art - humanization - animalization*

### Alguns pensamentos sobre a questão humano x animal

Simondon (2011) parte do princípio de que há alguma coisa em comum entre homem e animal, para isto ele recorre à história para compreender as principais teorias sobre a vida animal, comportamentos e instintos, em relação à vida humana. O autor lembra que os Pré-Socráticos acreditavam que a alma humana não é diferente da alma animal ou vegetal. Pitágoras, por exemplo, acreditava que tanto animais, quanto humanos ou vegetais poderiam reencarnar no corpo de qualquer um destes seres. Foi Sócrates o primeiro a pensar a oposição entre os princípios vitais do vegetal e do animal e a introduzir a ideia de dualismo, entre inteligência e instinto. Sócrates introduz o que mais tarde vem a ser conhecido como “humanismo”. Os estóicos negam a inteligência animal e os reduzem ao nível dos instintos. Não cabe aqui citar todos os pensadores abordados por Simondon, mas enfatizar a primeira lição que este nos oferece, aquela de que o “(...) homem é de uma natureza diferente daquela dos animais e plantas” (SIMONDON, 2011, p. 55). Ele traça isto a partir da análise das doutrinas da antiguidade, daquelas relativas a Aristóteles e aos estóicos, as quais reinaram durante séculos.

A segunda lição que Simondon nos apresenta está vinculada ao fato de que o cristianismo e, sobretudo, o cartesianismo<sup>1</sup>, tornaram a humanidade ainda mais oposta à natureza animal. Na Renascença, descobertas reve-

lam as relações entre o animais e a psique humana, exaltando a psique animal, como diz Simondon, “a fim de nos ensinar lições”, não é a toa que Bruno Giordani, um dos maiores filósofos daquele tempo é queimado na fogueira. No século XVII iniciam as teorias sobre o comportamento animal, mas apenas no século XIX e XX o cartesianismo perde o sentido, as novas teorias que emergem neste período invertem o pensamento de Descartes, mas as teses contemporâneas, conforme Simondon, afirmam:

(...) o que descobrimos no nível de vida instintiva, maturação, desenvolvimento comportamental na realidade animal, permite-nos pensar em termos de realidade humana, até, e incluindo realidade social, a qual em parte, é composta de agrupamentos de animais e nos permite pensar sobre determinados tipos de relações, como a relação de ascendência-superioridade, na espécie humana. (SIMONDON, 2011, p. 62).

Mas, Simondon não é o único a recorrer à história para reafirmar ou derubar alguns conceitos e teorias, Jean-Pierre Changeaux (2013) também o faz, interessado em descobertas que podem proporcionar o reconhecimento do próprio homem, propondo à humanidade “(...) uma vida mais solidária e mais feliz” (CHANGEAUX, 2013, p. 464). Seu estudo é mais recente e pautado em conhecimentos interdisciplinares aliados à história, filosofia, neurobiologia e às descobertas da neurociência. Este autor demonstra como alguns pressupostos são desmistificados pela neurociência, como a abolição da dualidade corpo-mente; a oposição entre natural e cultural; a oposição entre espiritual e material, o que torna os humanos ainda mais próximos dos animais. A estas importantes descobertas acrescentam-se algumas ideias da teoria evolucionista de Charles Darwin, como o fato de o mundo ser um lugar em constante evolução, ainda a importância que ele confere à linguagem no processo de evolução das espécies e finalmente ao fato de abolir qualquer justificativa para um antropocentrismo absoluto. E ainda, é preciso reconhecer as descobertas de Rizzolatti sobre os “neurônios espelho”, relacionados à reciprocidade e a linguagem.

Para o campo da arte, a neuroestética traz questões fundamentais, como a importância da percepção, empatia, da “contestação do mundo” e da experiência, observações que vem sendo bastante exploradas por artistas que trabalham com arte digital. E conforme o autor: “a arte incita a um sonho partilhado plausível e reconciliador entre o artista e os espectadores” (CHANGEAUX, 2013, p. 131), no caso da arte digital interativa, substituiríamos espectadores por interatores.

### **Humanização x Animalização**

Enquanto o ritmo contemporâneo se acelera e as sociedades crescem pautadas no desenvolvimento a qualquer custo, as relações do indivíduo

---

1 Para Descartes os animais não possuíam nem inteligência, nem instinto, eles seriam como máquinas autônomas, seus comportamentos seriam mecânicos (SIMONDON, 2011).

com a natureza e os animais se estremecem. O paradoxo desta sociedade que buscamos evidenciar, é que ao mesmo tempo em que por um lado há um movimento de humanização em relação aos animais, fruto da descrença no próprio homem; por outro, o desrespeito tanto aos animais quanto ao seu próprio semelhante já virou um hábito, o que nos faz perceber a crescente animalização do homem.

No cinema, filmes recentes como *Sempre ao seu lado* (2009), trazem para o ocidente a história de Hachikō, um cão da raça Akita, que durante nove anos esperou seu dono (interpretado por Richard Gere) chegar junto à estação de trem de Shibuya, no Japão, mas o dono jamais retornaria, pois havia falecido do outro lado da estação. O cão, pela nobre atitude, ganhou uma estátua em sua homenagem. Também baseado em fatos reais e homenageado com uma estátua, um Kelpie Australiano é o personagem principal de *Cão Vermelho* (2011). Filme de história, trilha e fotografia incríveis. *Cão Vermelho* conta uma lenda australiana do cão que escolhe seu dono e quando este parte, o jeito é peregrinar pelo país, pegando carona e encantando os novos amigos que faz pelo caminho. Ainda no contexto do cinema, em 2013 a Cinemateca de Curitiba recebeu a *IV Mostra Internacional pelos Animais*, com 22 filmes entre curtas e longa-metragem.

Basta andar pelas ruas para ver que se proliferam os *Pet Shops*<sup>2</sup> e os serviços para os animais de estimação, assim como as empresas *Pet Friendly*, as *Ongs* e os perfis com a “causa animal” nas redes sociais. Em contrapartida é só passar algumas horas no *facebook* para descobrir histórias terríveis, inclusive de empresas que deveriam defender os animais, como é o caso da Royal Canin, na Ucrânia, que patrocinou uma rinha entre cães e ursos, mesmo se retratando publicamente<sup>3</sup>, as marcas são profundas. Atitudes como a invasão ao Instituto Royal em São Paulo, em outubro de 2013, com o resgate dos Beagles, detonam a crueldade com os animais em prol da efêmera beleza humana. Mas, quantos dos que ficaram sensíveis ao ver esta atitude realmente param de comprar produtos estéticos testados em animais?

A publicidade vem contando belas histórias sobre a humanização dos animais, como a propaganda da *Panvel*<sup>4</sup>, uma rede de farmácias do Sul do país, veiculada em 2012, que tinha como personagem principal a Sofia, uma cadelinha que sofria com a indiferença dos donos. A história da Sofia traz o livro *Coração de Vidro*, de José Mauro de Vasconcelos,

---

2 Em 2012 o setor pet no Brasil tem faturamento de R\$ 14, 2 bilhões, 16,4% maior que 2011 e 15,5% maior que o crescimento da economia brasileira naquele ano. O Brasil é o segundo lugar no mercado mundial deste segmento no mundo, ao lado do Japão. Informações disponíveis em: <http://abinpet.org.br/imprensa/pib-brasileiro-deve-crescer-segundo-abinpet/> - Acesso em 08/01/2014

3 Royal Canin do Brasil - Novo Posicionamento Royal Canin Global - Caso 4 Paws International. Disponível em <http://www.royalcanin.com.br/royal-canin-do-brasil/novo-posicionamento-royal-canin-global> - Acesso em 08/01/2013

4 A História de Sofia - Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=7v-QwoywtjTk> - Acesso em 08/01/2013

questionando se este tratava do coração de vidro dos animais e da sua fragilidade, ou dos humanos e de “como podemos ficar impermeáveis a certas emoções”. A frase de fechamento da propaganda sugere a busca por *uma amizade verdadeira e felpuda, sempre*, dialogando com o *slogan* da Panvel: “Você sempre bem”. Entretanto, a Panvel, como a maioria das farmácias brasileiras, vende produtos estéticos testados em animais como a Sofia.

Embora Zizek (2011) nos lembre que quando compramos este tipo de história contada pelo marketing e pela propaganda, estamos incorporando o “espírito de 68”, ou seja, a crítica do consumo alienado, valorizando a verdadeira experiência e fazendo com que nos tornemos pessoas melhores, de modo irônico, é preciso reconhecer que estas propagandas de fato contribuem para formar um inconsciente coletivo e ampliar esta rede de experiências. Nesta mesma publicação de Zizek, *Primeiro como tragédia, depois como farsa*, ele reflete sobre o *Humano, demasiado humano...* voltando-se às lições da psicanálise frente às ideologias, guerras e atitudes. Neste ponto ele lembra quanto pareciam humanos, pelos refinados gostos artísticos e musicais, Hitler e sua trupe de nazistas, algo que a propaganda<sup>5</sup> da Folha de São Paulo, bem lembrou. Zizek aborda o processo de humanização de soldados, governantes e até mesmo heróis de histórias em quadrinhos e conforme ele: “o objetivo dessa humanização é enfatizar a lacuna entre a realidade complexa da pessoa e o papel que tem de desempenhar contra sua verdadeira natureza” (ZIZEK, 2011, p. 27).

Voltando ao campo do entretenimento, o canal de TV *Animal Planet* leva o slogan: “*surpreendentemente humano*” e será que as notícias da violência diária cometida pelos humanos transmitidas nos telejornais de todas as emissoras poderiam levar o slogan: “*surpreendentemente animal*”? A situação da vida na terra e da convivência em sociedade tem se tornado dia-a-dia insustentável. Cientistas, artistas, pesquisadores e pessoas comuns passaram a perceber outras formas de vida, outras ecologias, outros planetas, os quais podem trazer novas perspectivas à vida na terra. Parece que com o passar do tempo descobrimos que o grande problema está na visão humanista que deu ao homem o poder e agora nos leva ao caos.

### **A arte traz à tona o seu tempo**

Não é recente o interesse da arte pelos animais e por outras formas de vida. Vários animais, sobretudo os cães, são retratados, representados, estudados e apresentados, desde os gabinetes de curiosidade da Idade Média até as obras clássicas, modernas e contemporâneas, normalmente fazendo parte do contexto social dos homens. Seja com os magrelos cabisbaixos em *Jacó e Esaú* (1425-52), de Lorenzo Ghilberti, nas portas do Batistério; ou acompanhando *O Casal Arnolfini* (1434), de Jan van Eyc; nos *Estudos da pata de um cão* (1485), de Leonardo Da Vinci ou ainda em *A Dama com o Arminho* (1485), do mesmo artista; levando uma pisadinha de leve de uma criança em *As Meninas* (1656), de Diego Velásquez; com a língua de fora e o olhar tristonho em *O pintor e seu Pug* (1745), de Willian Hogarth;

---

<sup>5</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=bZaYeiptmd4> - Acesso em 08/01/2013

pedindo um carinho à artista indiferente em *O estúdio da artista* (1868), de Jean-Baptiste-Camille Corot; ao lado do jovem Gustave Courbet em *Auto-retrato com um cão preto* (1842), ou servindo ao homem para atacar a caça em *L'Hallali du cerf* (1869), também de Courbet; ou no colo da dama, em *The Railway* (1873), de Edouard Manet; se alimentando em *Natureza Morta com três cachorrinhos* (1888), de Paul Gauguin; ou na representação fiel da natureza morta de Francis van Myerop, em *Natureza morta com pássaros* (1670); ainda com *Pássaro Ferido e Gato* (1938), de Pablo Picasso; no ombro da Frida Kahlo, em *Auto-retrato com o Cão Itxcuintli e o Sol* (1938); iluminado e indiferente frente ao anjo de asas negras em *Saudades de Casa* (1940), de René Magritte; enfim apenas para citar algumas, entre grande parte das célebres obras que compõem a história da arte.

E na arte contemporânea eles continuam a aparecer ao estilo Pop de *Dog (Dachshund)* (1976), de Andy Warhol, ou também em sua série de gatos coloridos; nos estudos das criaturas híbridas de Walmor Correa, como em *Capelobo* (2005), da Série Unheimlich; ou em contradição ao tom de sarcasmo, crucificado como Cristo, em *Só Deus Sabe* (2007) de Damien Hirst; e também está na mais cruel e deplorável de todas as situações, na *"Exposición nº 1"* de Guillermo "Habacuc" Vargas, na qual o "artista" não deixa realmente claro se o cão realmente morreu de fome no decorrer da exposição, gerando manifestações<sup>6</sup>, uma obra que ultrapassa sem piedade qualquer limite ético. Tinkebell (Katinka Simonse)<sup>7</sup> é outra artista polêmica e sensacionalista, que usa os próprios animais e sua morte para chamar a atenção por uma consciência pelos direitos dos animais. Ao propor estas obras e lidar com a hipocrisia humana - onde se abomina a matança nos espaços da arte, mas se finge que não sabe que isso acontece nas indústrias da alimentação, da moda ou dos cosméticos, apenas para citar algumas formas de consumo - estes artistas parecem detonar a animalização do homem.

Em abril de 2012, na vitrine da *Lush*, uma loja de cosméticos *cruelty free*, ou seja, que não faz teste em animais, em Londres, Jacqueline Traide ganhou a mídia internacional, após a performance que realizou ao lado de Oliver Cronk. Traide foi amordaçada<sup>8</sup>, conectada a eletrodos, arrastada, teve parte do cabelo raspado, recebeu líquidos nos olhos, injeções, sangrou e foi submetida aos cruéis testes que a indústrias farmacêutica e de cosméticos realizam com os animais. Jacqueline Traide é uma jovem artista ativista, que por meio desta exposição também buscava, em conjunto com a *Humane Society International*, assinaturas para uma petição implorando que sejam proibidas tais práticas junto à indústria de cosméticos. Uma experiência de humanização do sofrimento dos animais que passam por tais testes, sensibilizando-nos para o fato de que muitos dos animais morrem, longe dos nossos olhos, depois de passar por isto.

---

6 Rosa Montero escreve uma sucinta e excelente crítica à exposição no El País, disponível em: [http://elpais.com/diario/2007/10/16/ultima/1192485602\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2007/10/16/ultima/1192485602_850215.html) - Acesso em 09/01/2013

7 Tinkebell - Disponível em <http://www.tinkebell.com/> - Acesso em 09/01/2013

8 Parte da performance está disponível em [http://www.youtube.com/watch?v=f4K9iSyj\\_lk](http://www.youtube.com/watch?v=f4K9iSyj_lk) - Acesso em 10/01/2013

Seria possível fazer uma ampla curadoria sobre estas questões, mas mesmo assim seria impossível contemplar todos os artistas e obras que abordam de formas diversas os animais, mas estes talvez jamais tenham ganhado tanta humanidade como no início do século XXI. A arte digital - produção que se consolida a partir dos anos 1990, envolvendo computabilidade, interatividade, imersão, tempo real, virtualidade em diversificadas linguagens com o uso das novas tecnologias - não apenas representa, apresenta ou usa o próprio sacrifício para falar sobre os horrores que o homem faz a estes animais, mas estuda seus comportamentos e proporciona à humanidade a própria expansão dos seus sentidos, pautada no reconhecimento do outro, no caso dos animais, das plantas e das formas de vida aparentemente invisíveis, mas que movem o planeta.

Quando Anna Barros traz à tona as vibrações do interior de uma pedra de mais de *200 milhões de anos*, por meio da nanoarte; quando o Grupo Poéticas Digitais nos mostra o balé das *Amoreiras* sacudindo-se pelo excesso de poluição ou quando evidencia os fluxos de um rio que se esconde sob a terra; quando Guto Nóbrega nos permite interagir com uma planta, por uma espécie de “sopro da vida”; e mesmo quando o SCIArts leva uma plantação artificial para o espaço expositivo e demonstra como nossa presença e a do ambiente interferem na sua movimentação; todos estão tornando visíveis outros modos de existência, outras maneiras de organização social, evidenciando relações sensíveis, poéticas e críticas sobre a relação do homem com o todo no qual está imerso. É paralelo a estes artistas citados, Eduardo Kac, com o polêmico caso de Alba, a coelha fluorescente, se aproxima de Hirst, Tinkebell ou Habacuc, trazendo à luz a problemática, porém imerso nela.

Mas a arte digital também pode proporcionar experiências desconhecidas ao homem, ao compartilhar os super poderes dos animais. Em *Animal Superpowers*<sup>9</sup> (2008), de Chris Woebken e Kenichi Okada, os artistas evidenciam que os animais têm conexões com o mundo e experiências sensoriais distintas das nossas, para demonstrar algumas destas habilidades, a dupla desenvolve três capacetes diferentes, um que oferece a experiência de ter a visão semelhante a de uma formiga, ou seja, uma visão 50 vezes mais potente que a visão humana, por meio de microscópios instalados nas mãos, que levam a imagem a uma tela no capacete do interator. Outro que imita as aves e sua detecção de campos magnéticos que guiam sua direção, por meio da vibração. E ainda um “dispositivo-girafa”, que permite às crianças o acesso ao campo visual dos adultos, com um sistema que também altera a voz.

Destacamos ainda alguns eventos, sobretudo festivais, no circuito expositivo da arte digital que tem se focado nas relações entre organismos vivos e agentes artificiais. No contexto brasileiro, o *Hiperorgânicos - Simpósio internacional de pesquisa em hibridações e arte telemática*<sup>10</sup>, organizado pelo *Laboratório Nano*, EBA/PPGAV/UFRJ, ganha relevância a cada ano,

9 Animal Superpowers - <http://chriswoebken.com/animalsuperpowers.html> - Acesso em 10/01/2013

10 Hiperorgânicos - Disponível em [http://www.nano.eba.ufrj.br/nano\\_atividades/hiperorganicos/](http://www.nano.eba.ufrj.br/nano_atividades/hiperorganicos/) - Acesso em 10/01/2013

pautado em arte, hibridação e bio-telemática, o evento, que em 2013 realizou a 4ª edição, dispôs de um terrário de plantas para a produção de dados que eram transformados em som, luz, cor e movimento.

Ainda no Brasil, embora seu foco seja bem mais abrangente, o *FILE (Festival Internacional de Linguagem Eletrônica)*, o principal evento do gênero na América Latina, vem expondo alguns artistas preocupados com estas temáticas, como Guto Nóbrega, premiado no *FILE PRIX LUX*, em 2010, com a obra *Breathing*. Karolina Sobecka também já é nome recorrente no festival, a artista vem trabalhando, por meio da interatividade, com a ativação de comportamentos, empatia e emoções entre humanos e animais virtuais em obras como *Sniff*, a qual participou do *FILE PAI (Arte Pública Interativa)* em 2010. *Sniff* traz a projeção interativa de um cão, que segue e se relaciona com o interator na rua, através de sua projeção na vitrine de uma loja, assim, conforme o envolvimento do interator com o cão ele altera seu comportamento, ele pode ficar assustado, pular, chegar perto e balançar o rabinho, se esconder, observar, latir, entre outras formas de contato, mas o que a artista propõe é o reconhecimento do outro e uma conscientização, por meio da empatia, baseada nas descobertas de Rizzolatti sobre os neurônios espelho, algo que fica ainda mais evidente na obra *All the Universe is Full of the Lives of Perfect Creatures*<sup>11</sup> (2013).

Entre os festivais, internacionalmente, está o *Enter*<sup>12</sup> (*festival internacional de arte, ciência e tecnologia*), o evento acontece em Praga desde o ano 2000 e em 2013 tem como tema “*Biopolis*”, um modo de pensar as organizações sociais, a vida artificial e a vida natural. *Micro Pets* (2013), de Marie Polakova (Marura) em parceria com Veselina Dashinova, foi uma das participantes desta edição. A proposta nos sensibiliza para os micróbios “invisíveis” que nos cercam, tornando-os mais “humanos” a ponto de se tornarem criaturas adoráveis. O projeto, que por enquanto é uma animação para ser vista com um microscópio, está em processo e a próxima etapa é fazer com que os brinquedos nano deixem de ser conceito e se tornem realidade, no blog de Marura<sup>13</sup> ela convida quem achar a ideia interessante a colaborar para a sua execução.

Os prêmios internacionais VIDA - *Concurso Internacional Arte e Vida Artificial*, financiado pela Fundação Telefônica e o *Ars Electronica Prix*, colecionam obras engajadas, que nos sensibilizam, indignam e remetem a outras naturezas e relações sociais. Em 2012, o Vida premiou com o primeiro lugar a obra *Pigeon D’Or* (2011), do belga Cohen van Balen<sup>14</sup>, o qual utiliza-se da biotecnologia para pensar as pombas no ecossistema urbano, ao propor uma combinação que faz com que as pombas excretem sa-

11All the Universe is Full of the Lives of Perfect Creatures. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=mnU7dCDsfIE#t=0> - Acesso em 10/01/2013

12 Enter 6: Biopolis - Disponível em <http://festival-enter.cz/2013/> - Acesso em 10/01/2013

13 Micro Pets - Disponível em <http://marura.wordpress.com/micro-pets/> - Acesso em 10/01/2013

14 Cohen van Balen - Disponível em <http://www.cohenvanbalen.com/work/pigeon-dor> - Acesso em 11/01/2013

bão biológico, ao invés de infestar as cidades, reduzindo a possibilidade de extermínio das mesmas, que agora assumem um papel importante na limpeza das cidades, esta proposta contou com a participação do bioquímico James Chappell. O mesmo artista, no projeto *Life Support* (2008), direciona a ideia de Marshall McLuhan de que os meios de comunicação são a extensão do corpo, para os animais, propondo que ao invés de máquinas que mantêm vivos os humanos enfermos, possa haver uma troca entre animais criados com finalidade comercial e de entretenimento e o homem, como ele diz, uma simbiose natural. Os cães da raça Galgo, por exemplo, são criados para correr e com cinco anos são sacrificados por não servirem mais às corridas, mas o artista sugere que estes cães aposentados sejam treinados para servirem de ventilação mecânica, assumindo o papel de “cães de assistência respiratória”. Ao contrário do lucro que oferecem à indústria de corridas, agora sua função é manter o novo dono vivo, criando uma relação de confiança mútua entre o novo dono e o cão, os procedimentos para isto não seriam invasivos. Mais polêmica é a sua proposta com as ovelhas, que também ganham espaço na pesquisa de Cohen Van Balen, mas aqui entram experiências transgênicas, na qual ovelhas teriam o DNA modificado para ajudar pacientes com insuficiência renal. A ovelha transgênica, que seria um animal de estimação do doente, passearia pelo dia e à noite teria seus rins conectados aos do paciente, por meio de um “sistema de filtragem natural - orgânico”.

Em 2013 a Galeria de Arte Digital SESI-FIESP selecionou seis obras interativas para abordar as relações entre homem - natureza - cidades, na mostra *VivaCidade*. Entre as obras selecionadas destaca-se aquela que sugere o equilíbrio da natureza. Em *Open\_Environment*, do Late! (Laboratório de Arte e Tecnologia), os artistas pensam como o fluxo de informações da cidade pode promover mudanças socioambientais. O público participa ativamente destas alterações por meio das redes sociais e de dispositivos móveis, alterando não apenas as imagens da fachada do prédio da FIESP, mas também poeticamente a ecologia virtual.

Deste modo, acreditamos que a arte pode ajudar a construir uma nova consciência sobre este tempo, que ela pode nos ensinar lições sobre a convivência entre as espécies, sobre outros modos de organizações sociais e estimular um novo tipo de homem e de animal, levando em consideração as descobertas científicas e tecnológicas. A arte digital é a arte do nosso tempo e se espera que ela possa avançar cada vez mais nas propostas que nos lembram o quanto animais ainda somos, buscando um equilíbrio real da natureza, como nos sugere *Open\_Environment*.

Charles Darwin (2013) ainda no século XIX demonstra que todas as espécies têm algo em comum e conclui com um pensamento que continua válido até hoje para pensar as relações entre homens, natureza e animais: “Quando considero todos os seres não como criações especiais, mas como descendentes em linha reta de uns poucos seres que viveram muito tempo antes que se depositasse a primeira camada da Era Siluriana, a mim parece que tais seres ganham nobreza com esse posicionamento” (DARWIN, 2013, p. 536). Afinal somos tão sobreviventes, quanto os demais seres que nos cercam.



## Referências

CHANGEAUX, Jean-Pierre. **O verdadeiro, o belo e o bem: uma nova abordagem neural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DARWIN, Charles. **A Origem das espécies.** Coleção a obra prima de cada autor. 4° Ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

SIMONDON, Gilbert. **Two Lessons on animal and man.** Minneapolis: Univocal Publishing, 2011

ZIZEK, S. **Primeiro como tragédia, depois como farsa.** São Paulo: Boitempo, 2011.

